

REABILITAR PELAS ARTES: A ARTE DE TRANSFORMAR PARA INTEGRAR

2016

João Luís Cruz Bucho

Psicólogo, Membro Efectivo da OP n° 10664
Mestre em Criatividade e Inovação, Doutor em Psicologia
Membro fundador da Vivenciarte-Associação Internacional de Terapias Expressivas
Autor do livro “*As terapias expressivas e o barro: espelho do corpo e da alma*”

E-mail de contato:

joaobucho@oninet.pt
www.joaoluisbucho.com

RESUMO

Ao longo deste breve artigo de reflexão, será abordado de que forma a arte praticada nos *ateliers* de expressão criativa, poderá contribuir na reintegração psicossocial, no âmbito da saúde mental. Para ilustrar esta ideia, será utilizado como suporte simbólico, metafórico e reflexivo, o trabalho do artista plástico Gabriel Orozco “*As minhas mãos são o meu coração*”.

Palavras-chave: Arte, expressão artística, doença mental, reabilitação pela arte, criatividade, barro.

DESENVOLVIMENTO

A imagem representada é uma obra esculpida pelo artista mexicano Gabriel Orozco, que nos revela de forma poética a condição criadora do Homem. Na sequência das duas imagens, nas quais o artista se deixa fotografar de tronco nu, observa-se um duplo movimento, inicialmente verifica-se a acção de duas mãos junto ao peito, que apertam e pressionam um bocado de barro, sendo que de seguida as mãos que se encontravam fechadas sobre o barro, abrem-se e deixam a descoberto uma forma parecida com um coração humano.



Nestas fotografias verificamos um movimento evolutivo, um acto contínuo que reforça a vitalidade interactiva do vínculo, da relação, na modelagem da vida. Uma imagem completa a outra, o seu conjunto reflecte o acto criativo e transformador. A metáfora do gesto criativo sugere por si só o acto e o poder da transformação, graças ao contacto imediato, à simples acção das próprias mãos, à pressão que o artista faz com os dedos na matéria-prima, o barro, a argila modifica-se e ganha forma e vida.

O toque transformador no barro, permite aceder a novas formas, novas transformações da matéria. O barro como material natural, vivo e orgânico é dotado de grande plasticidade, flexibilidade e maleabilidade, sugere a tridimensionalidade da forma, alimenta a fantasia, despertando o imaginário e o simbólico, permitindo múltiplas e infinitas possibilidades criativas de sentido (Bucho, 2013).

Trata-se de um material que convida por si só à manipulação, desperta as diversas potencialidades criativas. O diálogo mantido com a matéria provoca em nós uma necessidade de enorme silêncio. Segundo Fabietti (2004), é um silêncio integrador que possibilita a reflexão e o crescimento, a plenitude do Ser.

Atendendo ao carácter simbólico podemos afirmar que no barro estão representados os quatro elementos a que Gaston Bachelard se referiu: ar, terra, água e fogo, e que formam as “*hormonas da imaginação*”, que “*nos fazem crescer psiquicamente*” (Araújo & Baptista, 2003).

Segundo a filosofia chinesa clássica, o contacto com a argila permite-nos aceder com o nosso próprio *Yin*, energia feminina, (terra, água) presente em todos nós enquanto homens ou mulheres. A terra *Yin* é receptiva à acção de quem a trabalha, da energia *Yang* (fogo e ar).

Bucho (2013), na sua análise à representação simbólica do barro, acrescenta à concepção ocidental¹, um quinto elemento, o espiritual, transpessoal, transcendental, aquele que nos liga às forças superiores, divinas e cósmicas. Concordamos com Gouvêa (1989), quando refere que no barro o homem encontra o espaço da divindade em si.

Sendo a argila um símbolo de nascimento, vida e morte, relembramo-nos do simbolismo da génese humana que se encontra relatada na tradição cristã da Bíblia Sagrada, que nos indica que Deus fez um boneco de barro e nas suas narinas, deu o sopro da vida. Conhecida é a expressão “*Do pó vieste e ao pó retornarás*”. O barro é encarado como terra, a nossa fonte da vida, donde retiramos nosso alimento, nossa água, nossa energia vital.

Voltando à obra criada e tal como o título indica, ele tem o coração nas suas mãos. Através da actividade artística, o sujeito acede a um campo de experimentação lúdico e criativo, tendo por base a circulação dos afectos, das emoções, dos sentimentos e dos pensamentos. A abertura das mãos junto ao peito nu, na segunda fotografia revela por si só, um movimento de grande

¹ Na concepção Oriental temos cinco elementos: a madeira, o fogo, a terra, o metal e a água.

afectividade, até mesmo de liberdade e transcendência. Com o movimento de abertura das mãos podemos fazer a analogia com a expressão artística como facilitadora da abertura de novos caminhos, novas soluções, ampliando e fomentando o desenvolvimento de novos conhecimentos e saberes,

O individuo entrega e abre o seu coração ao outro. Para isso o outro, o facilitador do atelier de expressão artística, terá de possuir capacidade empática, disponibilidade e aceitação permanente, encarando a diferença com assertividade, com o coração aberto, afastando racionalizações e defesas. Revela desta forma um triplo movimento: aceitação-compreensão-criação.

O coração, resulta das múltiplas pulsões energéticas criativas que estão presentes no momento da interacção do artista com a matéria, o sujeito consegue transformá-la e transformar-se a si mesmo, graças à criação. Da mesma forma que o artista transforma a matéria bruta - barro, o doente através da expressão artística pode aceder à sua subjectividade, consegue caminhar pelo seu mundo, por territórios desconhecidos e até mesmo inexplorados até aí, organizando-os e percepcionando-se de forma diferente, tomando consciência de si-mesmo, dos outros, da realidade envolvente, consegue dar sentido ao não sentido, ao difuso, dar voz ao que não consegue comunicar através de palavras, rompendo com o silêncio, a apatia e o desinteresse.

Tudo graças às inúmeras potencialidades criativas e criadoras do Homem. A arte de viver.

Se observarmos com atenção as imagens, trata-se de um coração vivo e vibrante como se pode verificar pelo bocado de barro cru, modelado pela impressão dos dedos do artista. A metáfora poderá servir mais uma vez para reforçar a importância do contacto, da ligação e do vínculo entre facilitador-sujeito-família em todo o processo de recuperação. Ao se falar no vínculo entre facilitador-sujeito-família, espaço para abordarmos a relação triangular que é criada aquando da intervenção expressiva. Trata-se de um triângulo cujos lados não obedecem a qualquer hierarquia, comunicam entre si, numa relação dialógica e que são constituídos pelos seguintes elementos: (a) criador/doente/artista, (b) obra criada, (c) facilitador/terapeuta/observador. Como se verifica este envolvimento triangular supera e transcende a relação dicotómica entre a matéria e o criador, já que inclui o técnico, que deverá manter uma postura receptiva, próxima, atenta e interactiva.

A própria cor do barro e da pele, funcionam também como elementos de integração dos corpos, criando uma unidade, uma totalidade, conferindo-lhe a sua identidade. Tal como no artista existe um contacto e impressão, neste caso no doente, graças ao poder da arte, existirá um contacto-criação-transformação-reintegração-inclusão.

Importa realçar que em todo este movimento, o que interessa é o processo e não o produto final. Quer isto dizer que interpretações, concepções estéticas de feio ou bonito, certo ou errado e juízos de valor são afastados e até mesmo são prejudiciais para que o fluxo criativo surja.

Interessa isso sim facilitar a promoção de novos espaços de expressão criativa onde a aceitação-compreensão-afecto-amor predominem. Estamos a falar na abertura de novas portas – caminhos – territórios – zonas de desenvolvimento próximo – espaços de criatividade, onde a expressão e a arte se dêem a conhecer.

Espaços entre o externo e o interno, objectivo e o subjectivo, consciente e o inconsciente, entre a racionalidade e a emoção, entre o concreto e a imaginação, entre o conhecimento e a intuição, onde o eros e o tanatos, o pensamento apolíneo e o dionisíaco, onde o pensamento convergente e divergente, pensamento vertical e lateral, se possam dar a conhecer e reflectir em conjunto numa relação dinâmica, dialéctica e dialógica.

Tal como Jung dizia: “ Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta”, torna-se necessário fazer este duplo movimento, olhar para fora e para dentro, respeitando as duas modalidades. Sonhar e despertar de novo como se fosse uma criança. Estamos a falar do movimento criativo, que pode ser aqui representado pela criação do artista Gabriel Orozco.

Ao observarmos a sequência das imagens fotográficas, tendo como pano de fundo o corpo humano nu, que das suas mãos faz surgir a forma de um coração humano, verificamos que este tronco não tem cabeça. Esta imagem pode remeter-nos para comentários populares com uma conotação bastante negativa, que se têm celebrizaram ao longo dos anos e que constantemente ainda ouvimos, referentes aos dementes, alienado, loucos, enfermos, doentes, desequilibrado, tais como: “*é doente coitado, não tem cabeça*”; “*é um aleijadinho mental, sem cabeça*”; “*já está fora do prazo, está fora da validade*”; “*é um pobre coitado, sofre da cabeça*”; “*tem os fusíveis todos queimados*”; “*tem um parafuso a menos*”; expressões que são representações sociais, indicadores da discriminação, estigmatização e preconceito.

A cabeça surge como o representante máximo da razão, do controle do nosso organismo, dos nossos actos e vontades. Nesta sequência de fotografias, a ausência da cabeça é reveladora de um forte investimento no corpo, no tronco, peito e nas mãos, como imagem da autenticidade expressiva artística. Estando o representante da dimensão racional fora de cena, contudo o corpo consegue ainda expressar-se de forma artística, modificando a matéria e deixando impressa a sua identidade.

O auto retracto de Gabriel Orozco “*As minhas mãos são o meu coração*”, além de representarem a vivência específica do seu autor, representam ao mesmo tempo uma experiência de humanidade e de humanização. Assim se revela uma vez mais, a dimensão da Arte de Humanizar a condição humana, que deve ser respeitada, compreendida e valorizada.

O movimento efectuado pelas mãos do artista, parece querer revelar a dimensão expressiva, educativa, pedagógica, reeducativa, reconstrutiva e social da Arte. Aprender, interagir, socializar, através da acção, da estimulação do corpo e do movimento. Descobrir-se e relacionar-se directamente consigo mesmo e com o mundo. Através do movimento, do convite à acção, neste

caso do tacto, o sujeito descobre a forma, o seu volume, a textura: rugosa, lisa, dureza, o peso, a temperatura: frio, quente, húmido, o cheiro, a cor: transparência, opacidade, descobre e organiza aspectos da sua experiência subjectiva. Desta forma, através da expressão artística o sujeito dá-se a conhecer, adquire uma maior compreensão dele mesmo e do mundo envolvente.

Através da acção o artista entra em diálogo com o barro e aí dá-se o encontro com o criativo (Chiesa, 2004), funcionando a argila como um espelho de auto-expressão (Bozza, 2001), ou um espelho do corpo e da alma (Bucho, 2013).

Através dos vários materiais utilizados nas diversas expressões artísticas, o sujeito imprime e deixa as suas marcas, produz novas configurações de sentido e de significado, revela a sua identidade, como o fez o escultor Gabriel Orozco. Ou de outra forma, parafraseando a psiquiatra brasileira que “*tratou a loucura com afecto*”, o trabalho expressivo com o barro permite aceder aos “*inumeráveis estados do ser*”, (Catálogo de Lisboa, capital europeia da cultura, 1994) já que inumeráveis são também as expressões facilitadas pelo próprio material.

Nas palavras de Chiesa (2004:17), as experiências com o barro possibilitam “*encontros, desencontros e re-encontros*”. Encontros e desencontros, que no nosso entender, no âmbito da Saúde Mental, o individuo precisa para poder se reencontrar, rumo à sua rápida reintegração.

Torna-se necessário desconstruir e reconstruir a teia da complexidade em que vive, já que na maior parte dos casos encontra-se perdido e/ou aprisionado no seu mundo, onde muitas das vezes reina o desinteresse, a desmotivação, a passividade, mas também a instabilidade, a confusão, a ameaça, a dor, a desarmonia e até mesmo a fragmentação e o caos. Através da expressão artística consegue-se quebrar e ultrapassar estados de solidão – isolamento – abandono – silêncio – desorganização e permite-se superar os desafios, as crises e dificuldade expressivas através da palavra, permitindo que o individuo possa experimentar e vivenciar diferentes linguagens expressivas.

Da mesma forma que as nossas mãos são essenciais para podermos tocar, explorar e conhecer o mundo, são um “*instrumento mágico por excelência*”, “*são como antenas*” (Aivanhov, 1997:99), as Artes são vitais para o crescimento e desenvolvimento harmonioso do ser humano, contribuindo na reestruturação, reorganização e coesão do “*eu*”.

Sendo o sujeito um ser dotado de capacidade criativa, ser criador por excelência, facilmente se compreende que a criação é por si só um acto de saúde. Viver é criar e criar é viver. Quem vive e não cria, vive uma vida fechada, sem vida, triste, inibida, sem rumo, aprisionado, rigidificado, estéril e com pouco significado, motivação e interesse na própria vida e no viver. Vida é acção, criação, respiração, exploração, sensação, intuição, reflexão, motivação, renovação, muita emoção e transpiração, acompanhada pelo prazer e alegria. Viver é arte, e a arte é indissociável da vida, assim como a criação não se pode separar de quem a cria e da expressão vivencial do seu autor.

A arte é vital no processo de Humanização e no processo de cuidar do ser humano, já que satisfaz várias das suas necessidades. Contribui na ampliação da liberdade, da espontaneidade do sujeito, facilita a comunicação, o diálogo e a relação entre o Homem e o mundo, estimula a união entre o individuo e o todo (família-comunidade-sociedade), ajuda na percepção, compreensão e análise do si-mesmo, estimula a capacidade de concentração e reflexão, promove a aceitação da responsabilidade, facilita a autonomia e a valorização pessoal e social.

Todas as necessidades, expectativas e dificuldades podem ser trabalhadas, tendo por base o prazer, a alegria e a satisfação da descoberta, de que se reveste toda actividade criativa e criadora. Por outro lado, sendo as actividades realizadas em grupo, no grupo e pelo grupo, a socialização é muito estimulada e com ela surge o sentimento de pertença, consigo, com os outros, com a família e com a comunidade. A par da aceitação-valorização e da inclusão, surge a integração e posteriormente a reintegração.

Se a vida é uma obra de arte, a arte é a manifestação da vida do ser humano. Da mesma forma que o artista consegue deixar uma marca no barro, tendo nas suas mãos o poder de transformar, recriar a sua identidade, a Arte tem o poder de humanizar a própria humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de diversas actividades expressivas artísticas, baseadas numa abordagem fenomenológica, assente em princípios humanistas, na qual se reconhece e valoriza todo o potencial criativo e criador, de aceitação incondicional, respeitando a subjectividade, a individualidade, a autonomia, a liberdade e a responsabilidade de cada um, realizadas num ambiente securizante, continente e contentor, tal como Rogers preconizava (Rogers, 1985), conseguimos ajudar os portadores de doença, as famílias e a própria comunidade. Ultrapassar paradigmas e formas de pensar, de estar e de agir fixas e estanques, deixando para trás a dependência, o medo, a insegurança, o silêncio, promovendo o seu bem-estar e a sua reintegração psicossocial

Da mesma forma que o artista aqui retractado Gabriel Orozco, consegue transformar o material amorfo barro, dando-lhe forma e vida, transmitindo-nos a nós observadores o prazer da descoberta e da reflexão, a Arte poderá desencadear nos indivíduos portadores de doença, um movimento de sair de si, num processo de vir a ser, contribuindo para a felicidade, para a saúde, para a auto-realização, a valorização e desenvolvimento pessoal, social e da própria comunidade.

Através da utilização da Arte, o sujeito transforma-se num verdadeiro artista, num ser construtor e criador, consegue aceder a uma nova forma de se cuidar e de ser cuidado, revelando e aceitando as suas singularidades, as suas subjectividades, humanizando-se a si e aos outros.

Antes de terminarmos, espaço para citarmos Herbert Read:

“ Sem a arte o homem é um pássaro que voa com uma só asa (...)”

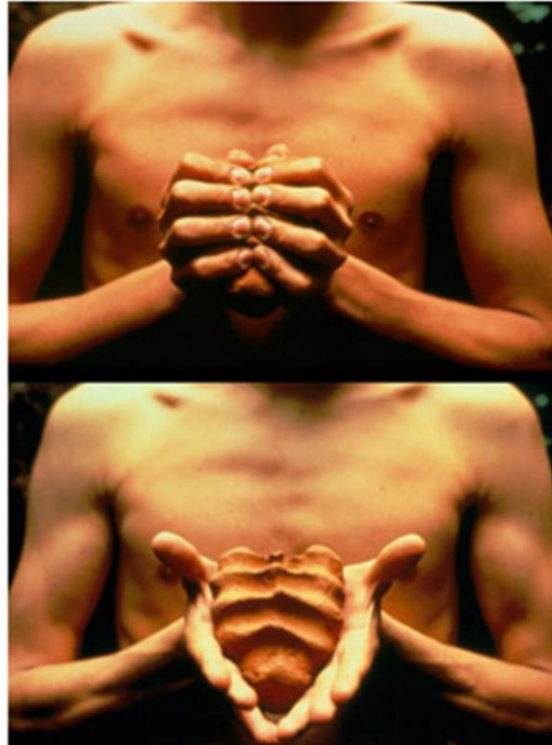


REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aivanhov, O. M. (1997). *Criação artística e criação espiritual*. Lisboa: Edições Prosveta.
- Araújo, A F. & Baptista, F. P. (2003). *Variações sobre o imaginário. Domínios teorizações práticas hermenêuticas*. Instituto Piaget. Pensamento e filosofia. Lisboa: Stória, Editores.
- Bozza, M. G. C. (2001). *Argila: espelho de auto-expressão: um método para manifestação do inconsciente*. Curitiba: Ed. do Autor.
- Bucho, J. L. C. (2013). *As terapias expressivas e o barro: espelho do corpo e da alma*. Lisboa: Chiado Editora.
- Chiesa, R. (2004). *O Diálogo com o barro – o encontro com o criativo*. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, Ltda.
- Fabietti, D.M.C.F. (2004). *Arteterapia e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.
- Gôuvea, A.P. (1989). *O uso do barro em psicoterapia*. São Paulo: Summus Editorial.
- Os Inumeráveis Estados do Ser: 40 anos de experiência em terapêutica ocupacional. *Catálogo da Exposição de Lisboa, Capital Europeia da Cultura*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa: Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- Read, H. (2001). *Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- Rogers, C. (1985). *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editores.
- Silveira, N. (2006). *O mundo das imagens*. São Paulo: Editora Ática.



ANEXO



Gabriel Orozco

As minhas mãos são o meu coração, 1991.